

VI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial

Contextualização histórica-midiática do início da igreja eletrônica (IE) no Brasil

Sérgio Carlos Francisco BARBOSA¹
Eduardo Amaral GURGEL

Elementos históricos

A presença a Igreja Eletrônica (IE) no Brasil se faz notar após a segunda metade dos anos 70. A utilização dos meios de comunicação de massa (mcm), para fins de expansão evangelística, usando para isso a “propaganda” massiva, não era novidade para os evangélicos brasileiros, principalmente através do rádio. Este veículo de comunicação de massa tem sido sistematicamente utilizado pelas mais variadas denominações cristãs no país. A revista “A Lucerna” de maio de 1930 publicou a seguinte notícia: “Nos Estados Unidos, em 1929, 70 estações emissoras, relacionadas com a Companhia Irradiadora Nacional, foram utilizadas na apresentação de 531 programas religiosos, feitos sob os auspícios protestantes. Tomaram parte nesse trabalho, numa obra de cooperação, 268 pregadores pertencentes a 20 comunhões diversas e representantes de 49 cidades de 15 estados americanos”.

Anos mais tarde, a tentativa de utilização do rádio era feita também entre os protestantes brasileiros, como noticiou a revista “Fé e Vida”, de julho de 1939: Era um programa de apenas 15 minutos, veiculado pela “Rádio Cruzeiro do Sul” de São Paulo.

Dai-me três grandes emissoras, meia dúzia de discos de marchas militares, liberdade para agir e, em doze horas, faço uma revolução! Isso quer dizer que o Rádio representa uma força tremenda. (SANGIRARDI, 1983, p.5)

Com o aparecimento da televisão (TV), a sua utilização veio somar esforços na propagação dos esforços evangelísticos das diversas denominações “cristãs”, fortalecendo assim, a presença das mesmas nos meios de comunicação de massa.

E o rádio começou a perder posição, a partir de 1960, por coincidência, após as Copas de 1962 e 1966, quando se constatou uma terrível perda da credibilidade do veículo rádio. (SANGIRARDI, 1983, p.7)

No início dos anos 60, havia um programa dominical, na extinta “TV Tupi”, cujo apresentador era o Dr. Joel Jorge de Melo, líder metodista bastante conhecido dos evangélicos paulistanos, conforme informação baseada em “depoimentos orais” de diversas pessoas que testemunharam como “telespectador” do programa. Era responsável pela Rádio Cometa, que durante certo período foi mantida com o apoio da comunidade evangélica da capital paulista.

Muitos recordam dos programas liderados pelo televangelista Billy Graham, o mais famoso (até os dias de hoje) de todos aqueles que estiveram presentes na “telinha mágica”. Os

¹ Sérgio Carlos Francisco Barbosa graduado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo (1983) cursou Publicidade e Propaganda na UEMESP (1982) e Teologia na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista no Brasil (1987). Mestre em Ciências da Religião/Sociologia da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1997) por meio do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Atualmente é Professor das Faculdades Adamantinenses Integradas, Editor Responsável pelos jornais HOJE em Adamantina e O Independente (Lucélia-SP), Diretor Regional do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo-SJSP/Regional Oeste Paulista. sebar@uol.com.br Faculdades Adamantinenses Integradas – FAI –

programas eram produzidos para veiculação na TV e dublados em “português”. A utilização da TV como veículo de comunicação de massa para fins religiosos, portanto, não representou desta forma, uma grande novidade para os evangélicos brasileiros. A novidade, podemos assim dizer, se resumia principalmente no fato de apresentarem um trabalho em nível técnico fora-de-série para os padrões da época, oferecendo um verdadeiro “show” para o público alvo, além de apresentarem diversos quadros durante a programação televisiva.

O diretor de relações públicas repetia ‘fantatic!’ aos que pediam sua opinião sobre a concentração da noite de sábado, 1o. de julho, em São Paulo, quando cerca de 80 mil pessoas lotaram o estádio do Pacaembu para assistir à estréia ao vivo do pregador Rex Humbard e sua piedosa troupe. Alguns dias depois, Humbard faria o teste mais difícil de sua popularidade, no Maracanã. E passou, desafiando incrédulos e inquietando sociólogos, religiosos e comunicólogos: 100 mil pessoas deram ao pastor uma inequívoca prova de carinho, ao depositar seus magros trocados nas mãos de uma ágil e diligente equipe coletora. (REVISTA VISÃO, 1978, p.92)

De certa forma, os “shows” apresentados e veiculados pelas emissoras brasileiras via Igreja Eletrônica foram bem recebidos em grande parte pelos evangélicos brasileiros, sem maiores questionamentos. As lideranças evangélicas, neste período, não levantaram nenhum tipo de oposição a respeito dos programas televisionados via pregação dos “super-pregadores”, além de que, isoladamente, poucas foram às vozes contrárias aos mesmos. Foram feitas apenas sugestões para que se tomassem cuidados com os tele-evangelistas que usavam a TV como meio de propagar a fé cristã através de uma ideologia que estava presente nas pregações. Acostumados com a linguagem conservadora, temerosos de tudo aquilo que viessem a entender como sendo “comunista”, com sérias dificuldades para analisarem a realidade brasileira, bem como, o contexto internacional e sentindo-se moralmente comprometidos com qualquer iniciativa “evangelística”.

A chegada de Humbard ao Brasil foi preparada por arautos muito mais persuasivos do que os que antigamente erravam de aldeia em aldeia anunciando as boas novas. Desde o ano passado, a Rede Tupi transmite aos domingos de manhã enlatados produzidos em Akron, Ohio, sede da Catedral do Amanhã, nos quais mostra com toda a pompa e circunstância o show musical da virtuosa família Humbard. Esses programas, segundo informam os responsáveis pela filial brasileira, são hoje vistos por um público de 100 milhões de pessoas em todo o mundo, transmitidos por 570 emissoras de TV e mais mil de rádio. Com todos os descontos, ainda assim as cifras são impressionantes e obrigam os comunicadores sociais a refletir se não há algo de novo no ar. (REVISTA VISÃO, 1978, p.92)

O “protestante brasileiro” aceitou passivamente a presença da Igreja Eletrônica (IE), assistindo as pregações televisivas, até que os “escândalos” com os tele-evangelistas começaram a acontecer, sendo veiculados com grande repercussão na mídia brasileira através dos meios de comunicação de massa (mcm), com destaque para a mídia televisiva. Os escândalos tiveram início com Jim Bakker, em seguida apareceu Jerry Falwell e logo depois, Jimmy Swaggart, todos estiveram envolvidos em fatos que tiveram repercussão mundial.

A Igreja Eletrônica está recebendo sobre si a Bomba de Hiroshima e eu espero que não sobre nada de ruim daquilo que está aí, que algumas pessoas aprendam a lição e utilizem a TV com crítica a bom senso. (FÁBIO, 1988, p.3)

Há uma preocupação latente sobre os caminhos da igreja eletrônica:

Talvez a Igreja Eletrônica recue um pouco até que surjam novos televangelistas. Todavia, a mensagem religiosa evangelical e fundamentalista, que tem por objetivo sobrepor-se aos anseios de reformas sociais por parte dos movimentos populares, continuarão em nome do neoliberalismo capitalista. Há outros meios, não tão rápidos, mas eficazes a médio e em longo prazo. (MENDONÇA, 1988, p.16)

Assim, o Brasil foi atingido pelo impacto causado pelas notícias que eram fornecidas pelas Agências de Notícias, particularmente, as americanas que forneciam grande parte do material noticioso que eram veiculados pelos meios de comunicação de massa (mcm) do país.

Agora, Swaggart foi flagrado no que a mídia chama eufemisticamente de 'encontros em motéis com prostitutas'. Este correspondente, pelo telefone, apurou sem a menor dificuldade do que Swaggart gosta em sexo. Não é 'encontro' com prostitutas. Nada de tão simples e normal assim. Ele pagava a um casal para que o sujeito, nu, flagelasse a senhora, nua. É um 'voyeur'sado-masoquista, em suma. (FRANCIS, 1988, p.A-12)

As pesquisas existentes sobre a influência da Igreja Eletrônica (IE) através dos chamados "super-pregadores", junto à comunidade evangélica brasileira, são escassas ou na maioria das vezes, não apresentam dados confiáveis que possam servir como análise científica para medir audiência televisiva.

O estudo do fenômeno da 'Igreja eletrônica' ainda está em sua fase embrionária no Brasil. Existe pouco material disponível e, talvez, uma única obra tenha alcançado um rigor analítico convincente (Hugo Assmann, A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina, Petrópolis, Vozes/WACC-AL, 1986). A maior parte da literatura sobre o assunto está em inglês. Explica-se: nos Estados Unidos este tema é amplamente discutido e debatido por religiosos, psicólogos, sociólogos e comunicadores. (NEVES, 1988, p.20)

Nesta mesma direção existe uma lacuna que nunca foi abordada pelos pesquisadores ou agências de pesquisas, sobre qual o impacto da Igreja Eletrônica (IE) junto ao "público não evangélico". Conforme pesquisas levantadas sobre o assunto acima, podemos afirmar que, devido à qualidade técnica dos programas evangelísticos, veiculados pela programação das emissoras, somada ao grande número de aparelhos de TV existentes no país e distribuídos em todas as camadas sociais da população, o sincretismo religioso e problemas de ordem social e econômica do país, pode-se levantar uma preocupação sobre a influência dos chamados "super-pregadores" junto à população de um modo geral.

Para muita gente que conhece a história da religião americana, a mídia evangélica nada mais é do que a poderosa ampliação, em âmbito mundial, dos 'camp meeting' e das reuniões religiosas urbanas do século dezenove. Com vozes de muito maior alcance, Jerry Falwell, Pat Robertson, Rex Humbard, Jimmy Swaggart, etc., substituíram os Finney, Moody e os pregadores metodistas do passado. Numa leitura exclusivamente religiosa, tanto os pregadores do século dezenove como os da mídia evangélica não têm outro objetivo a não ser tirar 'lições da fogueira'. (MENDONÇA, 1988, p.15)

Neste contexto a Igreja Eletrônica (IE) avança e amplia seu campo de atuação procurando atingir o maior número de telespectadores.

Os principais tele-evangelistas da Igreja eletrônica

Pelos levantamentos executados nesta pesquisa, pode-se afirmar que, o primeiro “super-pregador” a começar o trabalho como “tele-evangelista” através da mídia televisiva brasileira foi Pat Robertson com o seu famoso “Clube 700”. Teve aspirações políticas nos EUA, chegando a ser aspirante a “presidente” do país pelo Partido Republicano. A divulgação do seu programa junto aos evangélicos brasileiros obteve uma aceitação relativa, pois a sua “pregação” era diferente do mais famoso de todos, Billy Graham, que passava aos telespectadores uma postura mais pastoral. Assmann descreve o “Clube 700” da seguinte forma:

Tem algumas características marcantes: é variado, com locutores especializados e convidados importantes do mundo religioso e político norte-americano. Na hora do convidado-chave, o próprio Pat Robertson assume o comando do programa. Incluindo doses de humor e as banalidades do ‘entertainment’ nunca faltam, neste estranho programa de variedades, o elemento místico-religioso e o elemento político concretizador. (ASSMANN, 1986, p.50)

Assmann desenvolve sua pesquisa condensando materiais publicados nos EUA e América Latina sobre a IE, resgatando a história e conjuntura de seu surgimento. Busca estabelecer algumas pistas para um referencial teórico comenta as poucas pesquisas na área e centra seu estudo no impacto da IE na América Latina. Contempla os principais tele-evangelistas norte-americanos, fazendo uma análise de suas características, o discurso, o relacionamento político, o patrimônio, o contexto, a linha teológica e as peculiaridades.

Assmann aborda ainda, a forma de arrecadação de recursos (e manipulação) da Igreja Eletrônica (IE), onde lista e analisa as técnicas mais comuns de arrancar dinheiro dos fiéis (venda de espaço santo, tempo de oração, títulos do “clube”, objetos religiosos, livros, ameaça de suspender o programa etc.). As finanças e a audiência também são contempladas de forma que o leitor possa ter uma visão ampla sobre tais questões.

Este programa teve uma divulgação televisiva acentuada na América Latina, no Brasil não teve a mesma repercussão esperada, assim, o programa acabou sendo suspensa. Nesta época, porém, acabou circulando publicações escritas pelo tele-evangelista Pat Robertson (seu verdadeiro nome é Marion Robertson), destacamos aqui, duas, a saber: 1. “Proclamai a Mensagem de Deus pela TV, Editora Betânia, MG, 1978” e 2. “O Reino Secreto- Uma promessa de Esperança e Liberdade para um Mundo em Confusão, Editora Vida, SP, 1986”.

Destacamos em seguida, Rex Humbard, um dos mais famosos tele-evangelistas americanos, conhecido e respeitado em muitos países do mundo. Sua mensagem tele-evangelística ultrapassou barreiras político-ideológicas. Entre os anos 1975-1984, Rex Humbard apresentou o seu programa televisivo semanal no país. O programa era um verdadeiro “show” de técnica e buscava utilizar todos os recursos disponíveis, na época, que a TV oferecia, visando, desta forma, atingir o público alvo da melhor forma possível. Utilizava, com grande ênfase, quadros musicais, além de se apresentar com toda a sua família, pois, desta forma, conseguia desenvolver estratégias mais envolventes, visando causar um impacto de “família feliz” junto aos telespectadores.

A televisão brasileira abriu espaço para Rex Humbard através da TVS (São Paulo), atualmente SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), numa primeira fase da veiculação do seu programa. A TV Manchete, numa segunda fase, tentou veicular o programa da Família Humbard em sua programação, mas não obteve o mesmo sucesso da primeira fase.

O programa pode não ter alcançado o sucesso esperado pela organização Rex Humbard, porém, o mesmo não se pode dizer das “publicações” editadas e distribuídas no Brasil, bem como dos “discos e fitas cassetes”, além dos outros objetos de conteúdo religioso com a marca Rex Humbard. Destacamos aqui, algumas dessas publicações que foram traduzidas para o português, a saber: “1. A Chave para o Sucesso na Vida; 2. Você pode ter a Vitória... Apesar da Confusão; 3. Promessas Pessoais da Palavra de Deus; 4. Estudos Bíblicos Proféticos; 5. Para Ter um Lar Feliz; 6. Sua Nova Vida; 7. A Família Chave de Oração”.

Assmann levanta várias questões a respeito deste programa tão elitista, produzido para atingir um público-alvo “classe A”, como poderia ter uma resposta satisfatória e verdadeira junto ao público popular na América Latina. Destacamos aqui, o mais controverso de todos os chamados “tele-evangelistas”, o assembleiano Jimmy Swaggart, inimigo declarado dos “comunistas” e também do “rock”. Swaggart tem um posicionamento bastante adverso de Humbard, nunca escondeu o seu posicionamento conservador, principalmente em termos políticos. Foi um dos grandes defensores da política externa do governo de Ronald Reagan (EUA) em relação às mudanças político-ideológicas que ocorreram na Nicarágua após a queda do governo ditatorial de Somoza, bem como, em questões relacionadas com a chamada “corrida armamentista”. Em 1986, ano em que foi editado o livro de Hugo Assmann (op. cit.), ainda não haviam acontecido os “escândalos” com os tele-evangelistas americanos. Sobre Swaggart, Assmann afirma:

Os programas de Jimmy Swaggart são transmitidos, em dublagem ao espanhol e português, em toda a América Latina. Sua presença nos televisores latino-americanos já dura diversos anos e não há sinais de declínio de seu prestígio. (ASSMANN, 1986, p.43)

O programa de Swaggart continuou sendo veiculado pelas Redes Record e Manchete, mesmo depois do envolvimento do mesmo nos escândalos que esteve envolvido, juntamente com outros tele-evangelistas que amargaram perdas diversas em suas carreiras de evangelistas internacionais. É autor de vários títulos, muitos foram editados e distribuídos em português, destacamos alguns, a saber: 1. Seitas; 2. O Futuro do Planeta Terra; 3. O que Satanás Pode e Não Pode Fazer; 4. Há Um Novo Nome Escrito em Glória; 5. Quatro Condições para ser incluído na Translação.

Suas publicações têm um conteúdo ideológico que se destaca dos demais, tendo em vista seu envolvimento com a política externa americana, como já foi mencionado anteriormente. Como contribuição ao pensamento do autor em questão, transcrevemos abaixo sua visão de paraíso terrestre

Quando olhamos para os Estados Unidos e Canadá, temos de perceber que apesar de todos os nossos problemas, estas duas nações (e mais um punhado de outras) ainda são os melhores lugares na face da terra. Especialmente quando viajamos bastante (como fazemos) e vemos a miséria, a pobreza, o sofrimento e a escravidão que predominam em tantas outras nações do mundo, voltamos a estas e percebemos que povo feliz nós somos.

Muita gente, ligada ao sistema deste mundo, pode esforçar-se por atribuir estas bênçãos a um partido político em particular ou as vantagens educacionais ou facilidades etc. Entretanto você e eu que vivemos para Deus sabemos melhor. Sabemos que somente Deus é responsável pelas bênçãos destas nações. (SWAGGART, 1984, p.6)

Swaggart não satisfeito ainda com sua mensagem “ideológico-religiosa-religiosa-americana” afirma:

[...] nós como filhos de Deus temos que passar pelo depósito de lixo do sistema do mundo. Mas- observe comigo- e repito o que disse no começo desta mensagem- ele não disse que devemos permanecer aí! Apenas passamos por ele. E eu tenho que gritar 'aleluia'. Em breve a trombeta do Deus Todo Poderoso vai soar e Jesus Cristo vai voltar e vai mudar este sistema mundial indigno e deplorável. (SWAGGART, 1984, p.8)

Com tais afirmações, podemos concluir que: Swaggart utiliza uma mensagem com conteúdo de “prosperidade”, enfatizando as vantagens norte-americanas sob vários aspectos da questão, porém, enfatizando o lado religioso nas grandes questões mundiais, tais como: miséria, sofrimento e escravidão. Portanto, acaba legitimando a tal “prosperidade norte-americana” em nome de Deus, sendo que, qualquer transformação procede igualmente de Deus e, uma ordem social com justiça está além da história dos homens. O jornal “Mensageiro da Paz”, órgão oficial de informação da Igreja Evangélica “Assembléia de Deus”, em matéria publicada pelo mesmo, recomendou aos seus membros que não fizessem mais leitura dos seus livros, bem como, não assistissem na TV seu programa, tendo em vista os problemas morais em que esteve envolvido e noticiados através dos meios de comunicação de massa (mcm). Destacamos ainda, os seguintes tele-evangelistas que tiveram algum destaque em meio aos citados anteriormente, porém, não alcançaram o sucesso dos mesmos, mas merecem estarem presentes nesta lista, a saber: Bill Bright- é o autor de um “folheto evangelístico” bastante conhecido nos meios evangélicos: “As 4 Leis Espirituais”, distribuído inicialmente pela “Campus Crusade for Christ”. Oral Roberts- O programa “Gesto da Mão Curadura” teve alguma repercussão entre os telespectadores evangélicos brasileiros, buscava levar “a cura milagrosa” através do “toque na tela da TV”. Roberts divulgou, por meio dos seus programas televisivos, a importância do esporte como um meio para a evangelização aos demais esportistas, bem como, para os aficionados torcedores que prestigiam as mais diversas modalidades esportivas. Os resultados deste trabalho estão presentes, nos dias atuais, através da organização “Atletas de Cristo” que se fazem presentes nas mais diversas modalidades esportivas existentes no país.

Ao contrário do que muitos pensam Atletas de Cristo: Não é religião; Não é uma nova seita; Não é, nem pretende ser uma igreja; Não substitui a Igreja; Não está filiada a nenhuma denominação; Não é sindicato de desportistas; Não é um time de futebol, nem outra modalidade esportiva; Não impõe ritos, nem normas de conduta a ninguém; Não tem cunho ou interesse político. ‘Fiz-me atleta para ganhar os atletas (I Co 9:19)’.

Nosso movimento foi fundado por esportistas e para esportistas. Nosso presidente é João Leite (ex-goleiro titular do Clube Atlético Mineiro), o vice-presidente é o Baltazar (ex-atacante do Flamengo, Palmeiras, Botafogo e atualmente no futebol europeu) e diretor executivo é Alex Dias Ribeiro (ex-piloto de fórmula 1 dedica tempo integral a este ministério). (REVISTA ATHOS, 1997, p.17)

Robert Schuller- Autor de diversos livros, muitos foram traduzidos e distribuídos pela Editora Vida no mercado editorial-evangélico brasileiro.

Igreja eletrônica (IE) e meios de comunicação de massa

O relacionamento entre a Igreja e os Meios de Comunicação de Massa (MCM) nem sempre foi pacífico. Os MCM são utilizados das mais diversas formas, destacando-se neste contexto midiático, a televisão como veículo prioritário na divulgação dos programas produzidos

pela IE. O rádio também é utilizado com técnicas modernas da radiodifusão, procurando desta forma, envolver o ouvinte de forma persuasiva.

A Igreja, como qualquer outro grupo portador de mensagem à sociedade e aos indivíduos, existe na medida em que se comunica com aqueles a quem se dirige. Existe, na verdade, enquanto comunicação. O universo da comunicação nos dias atuais é muito vasto se considerarmos o desencadeamento progressivo dos meios em utilização. (MARASCHIN, 1980, p. 99)

Na opinião de Duglas Monteiro:

A atividade religiosa pela TV não reforça, mas legitima sentimentos místicos. As práticas de umbanda, por exemplo, eram tidas como proibidas e de mau gosto. A televisão, respeitada social e popularmente- pois até é liberada pela Censura-, tem a chancela do institucional. O público não precisa mais esconder 'sua crença, seu altazinho com as entidades de umbanda, pois se a TV está falando nelas é porque são permitidas. (REVISTA VISÃO, 1978, p.96)

A comunicação é utilizada através de uma linguagem emocional, condicionando os telespectadores (TV) e ouvintes (Rádio). Ao mesmo tempo, existe uma elaboração racional envolvida na produção dos programas, haja vista os múltiplos interesses existentes em jogo.

Desenvolver um trabalho de análise que envolva a IE e os MCM é uma tarefa árdua para qualquer pesquisador da área, assim, optei pela abordagem teórica e crítica envolvendo publicações disponíveis no mercado editorial brasileiro.

Leonardo Boff (1982) explica que a Igreja passou por quatro fases no seu relacionamento com a comunicação.

Numa primeira etapa, a Igreja rejeitou e combateu, sendo orientada para o exercício da "censura e repressão" (de Inocêncio VII até o século XIX), caracterizando-se pelo rigoroso controle dos processos de reprodução da palavra escrita.

A segunda fase registra uma mutação profunda traduzida pela aceitação desconfiada dos meios de comunicação (marcada por Leão XIII e a convocação do Concílio Vaticano II pelo Papa João XXIII). Compelida pelos novos tempos a Igreja começa a aceitar, ainda que desconfiadamente, os meios eletrônicos.

Num terceiro momento, de acordo com Leonardo Boff, a Igreja pressionada pelas transformações sociais e tecnológicas, emerge do Vaticano II com um deslumbramento ingênuo no campo da comunicação. A idéia dominante era a de multiplicar a palavra do Evangelho, utilizando os Meios de Comunicação de Massa (MCM).

Finalmente, a quarta etapa é a superação do deslumbramento ingênuo e adotando uma postura de avaliação crítica frente aos MCM. Esta nova fase foi, segundo Leonardo Boff, fruto de uma profunda discussão e amadurecimento do povo católico com relação aos novos meios de comunicação.

A obra de Leonardo Boff serve como baliza na discussão entre os Meios de Comunicação de Massa (MCM) e a Igreja.

No livro "Teologia do Cativo e da Libertação", Leonardo Boff (1980) aborda questões que podem servir de contraponto à teologia fundamentalista (do cativo) que "fundamenta" a maioria dos discursos dos tele-evangelistas.

Oscar Mombach (1981) apresenta uma abordagem da Igreja Católica sobre Comunicação Social, apesar de ser uma obra restrita, traz uma boa documentação sobre as

encíclicas papais e outros documentos da Igreja Católica que servem como orientação para a comunicação entre os “fiéis” e os MCM.

A Revista de Cultura Vozes, quando ainda em atividade editorial, sempre trazia matérias sobre comunicação e religião. No número 08, de outubro de 1986, editou um artigo com o seguinte título: “Igreja e Desafios da Comunicação Contemporânea”. O texto aborda uma série de questões sobre a utilização dos Meios de Comunicação de Massa (MCM) pela Igreja, visando à evangelização do século XXI. Apresenta ainda, proposta para uma análise e reflexão sobre um tema bastante atual: políticas de comunicação, a crise mundial, a Nova Ordem Internacional da Informação (NOI), destacando diversas propostas que deveriam servir como temas para reflexão nas Conferências Episcopais da América Latina.

Nestes aspectos que envolvem políticas de comunicação e igreja, os católicos estiveram sempre presentes através das mais variadas publicações abordando o tema, principalmente na década de 80. Destacamos, neste contexto católico, a presença do CELAM como uma Instituição preocupada com a discussão e utilização dos meios de comunicação de massa (MCM), nos trabalhos missionários da Igreja. Neste aspecto da questão, publicaram o livro “Comunicação: Missão e Desafio”, um verdadeiro manual para a chamada Pastoral de Comunicação Social (CELAM, 1979), abordando, de forma bastante metódica, a Comunicação Social no contexto hermenêutico latino-americano (analisando a realidade, os MCM, as novas tecnologias e a Nova Ordem da Informação- NOI). É uma obra mais completa que a de Oscar Mombach (op. cit.). Este manual do CELAM traz uma recuperação detalhada da história e documentação da Igreja Católica sobre a comunicação. Grandes partes das suas páginas abordam questões relacionadas com orientação sobre comunicação interna ou interpessoal numa perspectiva católica.

Outro autor bastante conhecido entre os teóricos da comunicação-eclesiástica é Clarêncio Neotti, através dos congressos patrocinados pela UCBC (União Cristã Brasileira de Comunicação Social), uma Instituição preocupada com os sistemas de comunicação no Brasil, bem como, com temas e propostas que sirvam para uma melhor utilização dos Meios de Comunicação de Massa (MCM) junto à sociedade brasileira. Neotti trabalha num contexto bastante amplo, fazendo uma reflexão sobre a ação dos MCM sobre a pessoa humana, questionando o uso dos MCM como meio de libertação.

Esta preocupação aparece com mais ênfase num dos seus textos (NEOTTI, 1979), que aborda a televisão (TV), buscando dimensioná-la como instrumento a serviço ou contra a Igreja: 1- Televisão: meio de domínio, de Antônio Carlos Schneider e 2- Televisão: bode expiatório, de José Marques de Melo.

Continuando nesta trajetória, vamos encontrar outro autor bastante conhecido nos meios confessionais e seculares, trata-se do professor José Marques de Melo (1985) que escreveu vários textos de grande relevância para aqueles que buscam um aprofundamento sobre o tema em questão. Destacamos, neste caso, sua abordagem sobre o assunto no livro “Para uma Leitura Crítica da Comunicação” No capítulo específico sobre Igreja e Comunicação retoma algumas idéias do livro “Comunicação e Consciência Crítica” e procura aprofundar, não em questões dos documentos da igreja frente à comunicação, mas resgata questão da mudança da igreja frente aos MCM. Marques de Melo afirma que a Igreja começa a afastar-se do pensamento aristotélico que permeou sua doutrina por muitos séculos, também deixa claro as campanhas da fraternidade, enfocando a violência e a cultura, envolvendo a Igreja e os Meios de Comunicação de Massa (MCM).

O livro “Puebla/Brasil: Comunicação Um Estudo Crítico” sob a coordenação editorial de Clarêncio Neotti (1981), traz um estudo detalhado sobre várias relações que envolvem a Igreja Católica frente os MCM, analisando as brechas deixadas pelo documento redigido em Puebla sobre a comunicação de massa na América Latina.

Mais do que uma simples análise das posições da Igreja frente aos MCM ou ainda, uma crítica a Puebla, o livro analisa alguns dos Meios de Comunicação de Massa (MCM) pertencentes à Igreja Católica (emissoras de rádios, periódicos, editoras etc) e a prática da comunicação nas escolas católicas. Um capítulo é dedicado à análise das práticas de comunicação internas da Igreja Católica. Uma preocupação muito grande com aspectos éticos e sociológicos que envolvem a comunicação está presente nesta obra. Uma das partes propõe a discussão dos MCM envolvendo a dominação, realidade sócio-cultural, lazer, manipulação de informações, consumismo, publicidade e direito à informação.

Tais enfoques nos remetem a uma análise do relacionamento entre Igreja e MCM como eixo completamente diferente do proposto pela chamada Igreja Eletrônica (IE). A última parte deste livro, organizada por Neotti, traz uma série de documentos publicados pela Igreja Católica e organismos ecumênicos sobre a ação ou relacionamento das Igrejas com os MCM. É uma obra bastante completa, com textos de comunicadores conhecidos nas áreas da comunicação eclesiástica, e comunicação secular, como: Anamaria Fadul, Mário Erbolato, José Marques de Melo e outros.

Existem ainda, outras obras que poderiam servir como balizadoras deste nosso trabalho, porém, essas que foram abordadas como referenciais podem nos apresentar material suficientemente amplo sobre o assunto

A mensagem do evangelho, destinada a humanização em Cristo, não pode ser incoerente com os meios e processos empregados. Ao ser mensagem libertadora, deve também nos libertar das cadeias eletrônicas que trabalham em favor da passividade dos auditórios, dando-nos a ilusão do sucesso e da auto afirmação. (MARASCHIN, 1980, p. 103)

Com a mensagem de Maraschin acima temos a reflexão dos compromissos que acercam aqueles que manuseiam a Igreja Eletrônica hoje em todo o mundo.

Considerações finais

Na perspectiva do ponto-de-vista teológico, a Igreja Eletrônica (IE) tem endereço certo e único, possui pequenas variantes, mas há uma identidade única que permeia todos os tele-evangelistas. Para uma análise teológica é necessário entender a História do Pensamento da IE, seus referenciais e origem.

Tal questionamento nos leva a divagar sob vários aspectos que envolvem a IE e os aspectos teológicos da mesma.

Os meios de comunicação de massa (mcm) em franca expansão, ocupando espaço cada vez mais atuante entre as áreas urbanas, somado ao espírito da secularização, levam as pessoas a procurarem os movimentos avivalistas, carismáticos e de renovação. Uma alternativa espiritual à sociedade burocrática e industrializada, à violência urbana, além do desequilíbrio social-econômico existente em função do processo de transnacionalização do capital. A resposta vem por meio da busca pelo espiritual, envolvendo as pessoas numa busca frenética pelo “reino dos céus”, enquanto isso se pode desfrutar da tranquilidade e benefícios do status quo, necessitando apenas de alguns remédios assistenciais.

É a partir da análise da evolução do pensamento pentecostal, mais a detalhada descrição da expansão das comunidades, e a assimilação e vinculação deste pensamento com a sociedade, que podemos compreender os porquês do crescimento generalizado da IE.

A partir do processo de assimilação, é que se pode avaliar o potencial de avanço da IE, envolvendo questões relacionadas com o discurso religioso nas classes populares, fornecendo elementos para subsidiar um estudo mais abrangente sobre IE.

Referências

ASMANN, Hugo, A IGREJA ELETRÔNICA E SEU IMPACTO NA AMÉRICA LATINA, Petrópolis-RJ, Vozes, 1986.

ATHOS, Revista Mensal, Ano 2, No. 5, 1997, Logos Produções Artísticas e Eventos Ltda., “O que é”.

BOFF, Leonardo, TEOLOGIA DO CATIVEIRO E DA LIBERTAÇÃO, Petrópolis, Vozes, 1980.

_____, Leonardo, IGREJA, CARISMA E PODER, Petrópolis, Vozes, 1982.

CELAM- Conselho Episcopal Latino-Americano, SP, Paulinas, 1979.

FÁBIO, Caio, “Free-Lancers da Fé” in ACONTECEU NO MUNDO EVANGÉLICO, Suplemento I, Abril-1988, Cedi, RJ/SP.

FRANCIS, Paulo, “ESCÂNDALOS ABALAM NEGÓCIOS MILIONÁRIOS DE ‘TELEVANGELISTAS’”, in FOLHA DE S.PAULO, Empresa Folha da Manhã, SP, 24/02/88.

MARASCHIN, Jaci, “COMUNICAÇÃO DO EVANGELHO E MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA” in Revista Simpósio, ASTE. No. 22, Dezembro de 1980, SP.

MARQUES DE MELO, José. Para uma leitura crítica da comunicação, SP, Paulinas, 1985.

MENDONÇA, Antonio G., “ACIDENTE DE PERCURSO”, in ACONTECEU NO MUNDO EVANGÉLICO, Suplemento 1, Abril-1988, Cedi, RJ/SP.

MENSAGEIRO DA PAZ, jornal das Assembléias de Deus, No. 1217, Maio de 1988.

MOMBACH, Oscar, É PRECISO COMUNICAR- OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E A IGREJA, SP, Edições Loyola, 1981.

NEOTTI, Clarêncio, COMUNICAÇÃO E CONSCIÊNCIA CRÍTICA, SP, Loyola, 1979.

_____, Clarêncio (org.), PUEBLA/BRASIL: comunicação um estudo crítico, SP, Loyola, 1981.

NEVES, Amélia T.C., “A PREGAÇÃO MILIONÁRIA DA SALVAÇÃO” in “Revista TEMPO E PRESENÇA”, Cedi, RJ, Março de 1988.

REVISTA DE CULTURA VOZES, No. 8. Petrópolis, Vozes, 1986.

SANGIRARDI, Jr. PUBLICIDADE & NEGÓCIOS, Revista, Anuário do Rádio da Revista, Dezembro de 1948, s/e, p.51 in “O rádio ‘visto’ de dentro por uma ‘testemunha ocular’”, PROPAGANDA, Ano 27, No. 321, janeiro/83, SP.

SWAGGART, Jimmy, BEM AVENTURADO O HOMEM QUE PASSANDO PELO VALE DE BACA, FAZ DELE UM LUGAR DE FONTES-MINISTÉRIOS, Baton Rouge, Louisiana, EUA, 1984.

VISÃO, Revista, Vol. 53, No. 3, 7 de agosto de 1978, “Cultura/Religião”.

